

(‘O Guaybu’ de 4 de Outubro.)

**7 Sete d'Avril.**

O DIA 2 DE DEZEMBRO.

O dia 2 de Dezembro foi solemnizado no Rio de Janeiro com toda aquella pompa de que é digno: o Povo Fluminense quiz dar ao Monarca provas indubitaveis de sua adhesão; e aos annos de todas as classes quiz mostrar, que já os conhece, e que fóra da Constituição e do Trono não espera salvação. Não entraremos nós nos pormenores do dia; podemos porém asseverar a nossos Leitores, que nunc annos de Monarca, foram festejados no Rio de Janeiro com tanta pompa; os dias tranquilllos de D. João VI e os de enthusiasmo de D. Pedro I nunca lhe foram iguaes. O cortejo no Paço tambem foi esplendido; e se não igualou á aquellos, que se faziam no tempo dos Augustos Pai e Avô do Nosso Joven Imperador, todos sabem a causa; todos sabem a differença, que vai de uma a outras Côrtes; todavia podemos asseverar, que foi superior aos que tem havido depois de 1831.

A' noite o Imperador e Augustas Princezas honraram o Theatro do S. Januario com sua presenca. O concurso foi esplendido; os camarotes se achavam apinhados de senhoras todas em grande gala, differente do que temos visto em outros annos, em que muitas pessoas se apresentavam como em qualquer dia ordinario. Lamentamos porém que a não houvesse escolha de peça mais analoga : o Abade L'Epée ou o Surdo Mudo certamente é interessante; mas não era proprio para a solemnidade de tão Fausto Din.

graças mil ao Povo Fluminense; graças mil por tão sinceras demonstrações de amor ao Monarca Brasileiro. Elle é o symbolo da Paz, da Concordia, e da União; é o pendão, em torno do qual devem batalhar suas batalhas os habitantes da terra de Santa Cruz. Saiba o Brasil e o Mundo inteiro que nos resultam d'esse Illustre Descendente dos Libertadores da Hespanha, e por isso da Europa, dos Conquistadores da Africa, dos Descobridores da Asia; de um D. Diniz, de um D. João II, de um D. Manoel, finalmente de um Pedro I. Prazza aos Céos, que elle saiba imitar tantas virtudes.

**A 'Aurora' e o Sr. Vasconcellos.**

A 'Aurora' não contente com a lama de casa, tem procurado juntar toda a que pôde, não já do tempo presente, mas folheando as collecções dos periodicos de outros tempos, e transcrevendo todas as immundicias que n'elles encontra. A tarefa é digna do bajulador que ainda ha um anno fazia a graça de subir as escadas dos Ministros a implorar-lhes o seu favor em duas altas pretenções; que em suas folhas prodigalisava os mui pomposos elogios a aquelles, que hoje ataca com maior furor. Foi assim que foi esgravatar uma accusação infame, que se fez ao actual Ministro da Justiça no tempo, em que o foi da Fazenda, pela compra de uma porção de chapinha de cobre feita a Guilherme Young. Esse negocio fez bastante bullia no Rio de Janeiro, para que nos devamos demorar hoje muito com elle: nossos leitores hão-de estar lembrados da maneira vergonhosa, por que foi feita a accusação, e como o Sr. Vasconcellos na Camara dos Deputados pedio ao seu levião accusador que lh'a fizesse em forma. Aí está o Sr. Dr. Saturnino, que não poderá negar, que foi desafiado nos termos mais formaes, a que a fizesse, como cumpria a um Representante da Nação, perante a mesma Camara que era a competente para tomar conhecimento do negocio: o Sr. Saturnino era então membro da Maioria, e o Sr. Vasconcellos estava na Minoria e em Unidade! apezar d'isso o Illustre ex-Deputado nunca se atreveu a dar semelhante passo.

A Imprensa também se ocupou com esses debates: o "Jornal do Comércio" de 17 de Julho de 1835, e este periódico a 18 do mesmo mês, o Sr. Young apresentou uma conta especificada e moínada de

toda essa transacção, e poz em inteira luz o engano, ou antes a perdição dos atrezoes calumniadores do então ex-Ministro: nós não transcreveremos hoje semelhante exposição bastante extensa; rogamos porém ás pessoas, que estiverem esquecidas e não quiserem iniciar do negocio, leiam esse Jornal, e o N.º d'este periodico a que nos referimos, que aí encontrarão a verdade de maneira a não poder duvidar d'ella.

O prestante redactor da 'Aurora' reditviva não estava n'esse tempo em o Rio de Janeiro: vinjava lá pela Europa; e provavel que por isso não esteja bem certo no modo, porque se passaram as coisas: e de certo o *Espirito* da 'Aurora', que ao ouvido lhe bafejou a leitura do 'Defensor da Legalidade', não lhe bafejou a do 'Jornal do Commercio': não é a primeira vez, que o corneta da nova *Liga* se acha em engano. Lembremos porém ao habil Cirurgião ex-Diplomata que, para outra vez indague melhor as coisas antes de as escrever; veja se de algum modo se justifica da accusação, que por aí se lhe faz de sôr hoje órgão immundo de quanta calumnia se quôr resurgir de novo. Lembremos, finalmente, ao ex-Professor de Direito Publico que estes factos foram passados antes de que apparecesse n'esta Corte, o 'Jornal dos Debates'; e que a 'Aurora' atacando com tanta virulencia os homens, que tanto elogiou o 'Jornal dos Debates' de 1837 por factos anteriores á existencia d'este, fazem evidente, que motivos pessoais tem dirigido o papelão do redactor d'aquelles dois periodicos.

## Monte-Video.

Pelo Manifesto de Fructo Rivera, hontem publicado no 'Jornal do Commercio' e 'Despertador', sahemos que este assumio a Dictadura da Cisplatina *momentaneamente*, isto é, pelo tempo necessario para restituir a paz e a tranquillidade ao Estado. 'Não faremos reflexões sobre o acontecimento; aproveitamos tal e qual; e os amigos das *republicas*, que lamentem a sorte dos povos, que só na Dictadura podem encontrar a sua salvação.

Por cartas de pessoas de todo o crédito se nos diz que o Dictador se achava muito indisposto com os rebeldes do Rio-Grande; a ser assim não terá effeito o tratado que se diz feito com José Marianno de Mattos, cuja ratificação ficára reservada para a entrada de Fructo em Monte-Vidéo.

FANTASMA GORIA.

Volto u o amigo Asmodeão. D'esta vez, disse logo que entrou :—quero fazer-te vêr um espectáculo curioso. — Palavras não eram ditas, tira da algebrêa um espelho, que não tendo a principio mais de uma polegada, se tornou logo mais alto que um homem, e com a mesma largura. N'este espelho vi eu, não a minha respeitavel figura, nem a do meu engraçado companheiro, como parece, que naturalmente devia vêr ; porém um aposento bastante grande, onde tudo era desordem : parecêo-me assim quarto de estudante, quanto ao arranjo, mas não quanto aos moveis, que antes parecia casa de Belchior. Mésas sem um pé, cadeiras com os encostos quebrados se viam por toda a parte ; entre essas ruínas porém apparecia de longe em longe algum objecto do mais refinado luxo, e em uso tal, que parecia não servido. Havia no aposento muitos maços de papeis, todos com seus rotulos, que disião 'Mutuca Picante', 'Justiceiro', 'Defensor da Legalidade', 'Caião', 'Parlamentar', 'Aurora', 'Cidadão', e 'Filho dos sete . . . e não sei que outros. Em meio do aposento havia um leito, e n'elle um individuo, que mais parecia esqueleto do que homem. Por entre negros dentes e roxos labios lhe sahia negra espuma ; sobre a cabeça lhe brincavam algumas cobras jararacas, víboras, e cascaveis ; ao lado estava um archote aceso, que porém deitava pequena labareda, e já estava em resto. A este tempo vi que abria a boca, e me parecêo que fallava ; não o entendendo porém, perguntei a Asmodeão, o que dizia aquella Furia, que assim me parecêo : elle tocando-me nos ouvidos, me fez ouvir o seguinte : —

— É a tão triste e lastimoso estado me deixam reduzido ! Bastantes serviços tenho feito : tendo corrido de uma a outra extremidade do Brasil ; por toda a parte tenho querido lançar o fogo de meu archote ; tenho vencido grandes obstaculos ; e todavia assim me abandonão em meu leito infernal ; meu archote, donde depende minha existencia, está a consumir-se ; e esses que se me apresentaram como heróes destinados a soffrer tudo, nem a meu leito se chegão. Se o arrependimento pudesse entrar em meu peito, eu me arrependeria ; se meus olhos podessem verter lagrimas, eu as verteria sobre essas ruínas fumegantes de Belem e S. Salvador, sobre os campos desertos do Rio-Grande ; porém não.... minha dôr é porque morro á miséria, morro abandonado por aquelles, que em minhas mãos prestaram juramento de nunca me deixar. —

Calou-se dando um profundissimo suspiro. N'este tempo entraram quatro individuos, que me pareceram, e depois verifiquei serem filhos do Diavolo Hypococrates. Vinha um alto, magro, algum tanto corcovado, mui pallido, e soberanamente calvo, o que buscava disfarçar com uma coroa de folha de flandres : vinha fazendo tregeitos, e monomes, tomou o pulso ao doente, e sentou-se em uma cadeira. O segundo era gordo, e nariz anafado, alto e obozo; oculos fixos na barba; seu ar era da confiança, da alizez e do orgulho; tomou o pulso ao doente e sentou-se em uma cadeira. Chegou-se o terceiro; este olhou com bastante complacencia para o archote, como para coisa que lhe era familiar, trazia na mão um *histari*; tomou o pulso ao doente, e sentou-se em uma cadeira. O quarto finalmente era alto e gordo, trazia oculos na testa, na mão um *quartilho*; tomou o pulso ao doente, e sentou-se em uma cadeira. Depois de alguns minutos de

silêncio, principiou a discussão sobre o estado do enfermo. O primeiro fallou muito *no pão do desterro*; e concluiu dizendo que com elle alimentaria o doente. O segundo fallou em *emprestimos e impostos*: oppoz-se aos alimentos, porque isso fôra voltar ao systema de Brown, ou sêr *regressista*, ao que elle se opporia sempre: nada receitou. O terceiro mostrou o *bisturi*; e disse que como já fizera em uma praça publica de certa Cidade em ponto pequeno, e depois repellira em ponto grande, ainda que accusado e condemnado, estava prompto a tomar conta do doente; e receitou *archotes e garrafas d'agua raz* em grande quantidade. O quarto orou longamente; falou em *bigornas e martellos*; por fim de enfatiado faltou-me a attenção, mas creio que quiz pôr o doente entre a *bigorna e o martello*.

E o archote cada vez se consumia mais ; e a labareda hia sendo menor ; e o doente peorava a vista d'olhos. Entrou então um sujeito vestido, ao que me pareceo, de *casaca limpa*, forrada de sobrecristos de Officios, e não trazia outro algum emblema. Este depois de olhar para o enfermo, disse : — Peiora visivelmente ; é necessario que fuça testamento : eu, que ja fui Escrivão, me encargo de o escrever ; entretanto vejão se mandão vir algum bom ecclesiastico, que lhe assista em sua ultima hora.

A um assobio appareceu outro homem alto e gordo: ao vel-o dir-se-hia que era um pedreiro, porque seus vestidos estavam sujos de pedra e cal, como quem acaba de construir algum *pilar*: este se encarregou de chamar o Padre.

E enquanto elle foi escrevêo o Escrivão. No fim vi quatro Sacerdotes.

O primeiro com cara de malagueta madura e pernas de gallo da India apenas chegou perto do enfermo lhe fallou em *nymphas e mutucas*; o segundo fallou em *currapatos*; o terceiro em moças, Paineiras, e Regente; o quarto em Regente, Paineiras, moças, e tretas; e nenhum se lembrou de lhe mandar fazer o acto de cenição.

E o archote, cada vez se consumia mais, e a labareda ia sendo menor; e o doente peiorava á vista de olhos.

Mas eis que de repente entraram dois novos sujeitos; a um lhes não vimos a cara, porém vinha em *chickellos* sem meias, e com um chambre de chita, e lenço de algodão amarrado na cabeça; dependurada nas costas uma rede. O outro trazia toga desembargatoria, limpo no parecer; e apenas, não sei por que, trazia umas couves na cabeça. Logo que o enfermo viu estes dois, lhes deitou a definida mão, que elles apertaram com afeição.

— Ah! por que me tendes desamparado? disse o doente. Vêde como vai definhando esse archote; vêde minha vida por momentos...

— Não morrerás, disse o do chambre; e tu ainda vivo, e com quanto muitos pensem que inerte, todavia minhas ordens partem, e são executadas promptamente no Rio-Grande. Eis aqui o fiel Achates, cujo sublime genio nos affiança o bom exito das maiores emprezas. Não desanimes. Queres por ventura vêr um effeito do quanto pôde o nosso amigo! E voltando-se para o da toga, disse: — Mostra quanto ainda podes.

— A da toga fez tregeitos como um possessão : de repente levanta a voz, e grita : — Agitação, agitação ! escravos... levantai-vos... — Estas palavras tiveram um effeito magico : de repente o archote, que era pequeno, ficou grande ; a labareda abrazadora e brilhante ; o enfermo gordo e nédio : — os assistentes se espantaram ; e eu tambem : Asmêdo vendo o meu susto, disse : Não te atresses ; repara bem. — Reparei ; e com effeito vi que o archote agora era um facho de palha sem mais outro algum atavio ; o doente me pareceu antes uma bolha de vento, que verdadeiramente gordo e nédio.

— Então tudo aquillo é ficticio?

— É verdade: aquella voz já teve poder;

hoje o não tem; o archote está a acabar, e o doente a expirar. Em breve deixará este Paiz. Adeos, que hoje não tenho mais tempo.

E foi-se,

## PARTE COMMERCIAL.

**PRACA DO COMMERCIO.**

Rio 4 de Dez. de 1838. (depois das 3  $\frac{1}{2}$  horas da tarde.)

CAMBIOS.			
Londres.....	29	ps. p.	18 rs. effec.
Pariz.....	330 " 335	"	Franco.
Hamburgo.....	620	"	M. de B.

METAIS E MOEDA.		
Ouro em barras. ....	144	por 010.
Dobroes Hespanhoes. ....	298400	a 298500 um.
" da Patria. ....	" "	" "
Pesos Hespanhoes. ....	18790	" 18950 "
" da Patria. ....	18740	" 18750 "
Moedas velhas de 65400.	158000	" 158000 "
" novas. ....	150000	" 158100 "
" ----. ....	45000.	88250 " 88300 "

Sobranos.....	88200 a 88300	
Prata.....	83 a 83½ por 010.	
Cobre punçado.....	1 e ao par ..	premio.

FONDOS PUBLICOS E PARTICULARES.

Apolices de 6 por 100.....	77 a 78
5         "                "	nominal.

"	"	"	"	nominal.
"	Emprestimo Mineiro	.....	"	
Ações da Comp. dos Paq. de Vapor	.....	"		

Verões da Comp. dos Fap. de Vapor.....	..
.. .. Niteroy.....	60 por 010
.. .. Omnibus.....	nominal.

18	Monte de Socorro.....	18 e ao par,
19	Rio Doce.....	nominal.

# HISTORIA PORTUGUEZA.

D. LIANOR DE MENDOÇA, DUQUEZA DE  
BRAGANÇA.

O nosso illustre e joven *menestrel* mimoseou-nos mais com o novo e lindissimo *Romance*, que hoje apresentamos a nossos leitores, e confiamos folgarão de têr esta nova producção poetica do secundo talento de nosso amigo. O assumpto é nacional; é o tragico fim de uma innocente Princeza, victima do tetrico temperamento de um marido arrebatado, excitado pelo zelo indiscreto, talvez requintada hypocrisia, de um confidente arteiramente officioso. Foi mui bem escolhido, e aproveitado este melancolico factio, para com elle compôr o bello Poema que hoje publicamos, e que o nosso erudito amigo começou e concluiu, em poucas horas mais, do que aquellas, em que o factio se passou: esperamos por isso que esta producção poetica careará, quanto ella merece, a attenção do leitor; a Historia é fielmente seguida, o estilo do Romance plenamente sustentado, a dicção correcta, o ornato poetico, simples e natural: assim parece-nos que longe d'enfado, o leitor achará tanto delcite, que não poderá despegar-se da leitura sem a levar ao cabo. É com grande pezar que o publicamos anonymo; não ousaremos violar a promessa de nós exigida de fielmente observar esta imposta condição. . . . .

Para mais facil intelligencia do Romance, ainda que o facto historico foi passado em poucas horas de uma aziaga noite, e e exactamente desenvolvido, nós o fazemos preceder do seguinte Proémio, que fura as vezes de argumento, e foi extrahido e summariado do que extensamente narra o douto D. Antonio Caetano no Tomo 5.º da Historia Genealogica da Casa Real no capitulo 8.º —

O Duque de Bragança D. Jayme era filho segundo-genito do desditoso D. Fernando 2.º —, que juridica mas illegalmente sentenciado, foi decapitado em Evora aos 21 de Junho de 1483; a sentença proscreveu a infeliz Casa de Bragança, e lhe confiscou todos os seus dilatados Estados; a virtuosa Duqueza viuva ponde a tempo fazer passar para Hespanha seus tenros filhos, e entregal-os ao cuidado de sua tia a Rainha Catholica D. Isabel. D. Felipe era o primogenito, e tinha oito annos quando aconteceu a fatal catastrophe de seu pae; D. Jayme contava apenas quatro, mas passados alguns aquelle falleceu em Hespanha, e não sem vehementes suspeitas de ser morto com veneno, que tambem foi propinado a D. Jayme, talvez em menor quantidade. A opinião publica nacional havia altamente desaprovado o procedimento de D. João 2.º para com seu cunhado e primo; assim que pelo fallecimento deste Rei aos 25 de Outubro de 1475, lhe succedeu o Duque de Beja D. Manoel, depois cognominado o Afortunado; tendo apenas vinte e seis annos quando subio ao Trono, sua mãe a Infanta D. Brites não tardou em lembrar-lhe o desterro de seus netos, que eram sobrinhos d'elle Rei; fez-lhe vêr que devia principiar seu reinado reparando a desgraça de seu proximo parente o Duque D. Fernando, satisfazendo á equidade de Rei, e ás obrigações da Natureza; ao que El-Rei D. Manoel annuiu chamando dahi a pouco seus sobrinhos para o Reino, e restituindo-lhes todos os Estados que haviam sido confiscados, o que effectou em 1496, sem preceder outra justificação ou prova de direito, como acto de pura espontaneidade; de modo que o Duque D. Jayme, e seu irmão D. Diniz, e seu tio D. Alvaro entráram em Elvas no 1.º de Maio, e dahi partiram logo para Setubal, aonde se achava El-Rei D. Manoel que os foi receber em pessoa fóra da Villa, fazendo-lhes o melhor gazallhado. Teria então 17 annos o Duque D. Jayme; e como fosse crescendo em idade, e desejando El-Rei dar-lhe estado, contrahou-o com D. Joanna d'Aragão, filha d'El-Rei Catholico D. Fernando, o que não teve effeito; mas antes d'elle, já o Duque de Medina Sidonia D. João de Gusmão trabalhava por cazar sua filha D. Leonor com o Duque, offerecendo-lhe ao mesmo tempo um grande dote, o que veio a conseguir, celebrando-se os contractos em Lisboa em 11 de Setembro de 1509, e em cuja alliança o Duque de Medina Sidonia tinha a maior satisfação; mas sua filha D. Leonor era ainda de tenra idade, e por vontade de seu pae devia acabar de crear-se na companhia da Duqueza de Bragança, sua sogra até chegar á idade competente do matrimonio; cujo contracto foi tratado por ordem d'El-Rei D. Manoel, da Rainha D. Leonor sua irman, da Infanta D. Brites sua mãe, e da Duqueza de Bragança D. Isabel sua irman, e por El-Rei confirmado em 14 de Setembro do mesmo anno de 1506. O Duque D. Jayme contava então 21 annos, e com pouca satisfação sua accedea a este contracto, em razão da pouca idade da noiva, sujeitando-se á determinação d'El-Rei, e ao gosto da Rainha D. Leonor sua Tia, Infanta sua Avó, e de sua propria Mãe, superando a vontade na obediencia. Esta disposição cresceu, mesmo depois de com a Duqueza se ajentar em 1502, e d'ella haver filhos. O Duque tinha o temperamento melancolico, desgraçadamente muito azado para a paixão do crime; e instigado por alguma diabolica suggestão, deixava de diariar da crescer sua indispisição contra a innocente e infeliz Duqueza. Foi